



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA**

MARIANE WAGNER

**LIVRO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEU USO NA AULA**

**CHAPECÓ
2015**

MARIANE WAGNER

**LIVRO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEU USO NA AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Geografia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Maria Andreis.

CHAPECÓ
2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Wagner, Mariane

Livro Didático em Geografia:: Uma Reflexão Sobre seu
Uso na Aula/ Mariane Wagner. -- 2015.
53 f.

Orientadora: Adriana Maria Andreis.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia , Chapecó, SC, 2015.

1. Ensino-aprendizagem. 2. Professor-aluno. 3. Aulas
de Geografia. 4. Ensino Fundamental. 5. Escola Pública.
I. Andreis, Adriana Maria, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARIANE WAGNER

**LIVRO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEU USO NA AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito parcial para obtenção do título Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Mariane Andreis.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08 / 12 / 2015

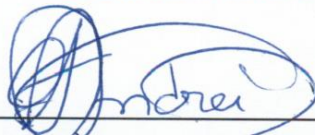
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Gisele Leite de Lima – UFFS



Prof. Dr. Willian Simões – UFFS



Prof. Dra. Adriana Maria Andreis – UFFS - Presidente

AGRADECIMENTOS

A meus pais Iraldo e Liria Wagner, exemplos de dignidade, humildade e generosidade. Agradeço-lhes pelo apoio e dedicação constante, o que me permitiu chegar até aqui.

Aos meus irmãos Jandir e Jair Wagner, obrigada pela ajuda nas horas mais difíceis, pela amizade, compreensão e, principalmente nas horas em que mais precisei, no início da faculdade, quando ainda não tinha como me deslocar, se dedicavam a me levar até o ponto para assim poder pegar o ônibus e ir para a faculdade e me buscar quando voltava.

A toda minha família, que de uma forma ou de outra sempre me motivaram a seguir em frente para não desistir da faculdade.

Principalmente a meu Namorado Leandro Marshall, agradeço muito pela força e apoio que me deste durante toda a graduação. Agradeço pela compreensão, pela amizade e, acima de tudo, pelos ensinamentos que tive com você desde o começo da faculdade. Quero dizer que agradeço muito por me compreender quando eu mais precisava.

À Universidade Federal da Fronteira Sul agradeço pela oportunidade de realizar esse curso gratuitamente.

Aos professores do Curso de Geografia, pelo esforço, apoio e dedicação constantes durante os quatro anos de graduação, principalmente por estarem dispostos a nos ajudar quando mais precisávamos.

A você professora Adriana Maria Andreis, agradeço por ter me aceitado como orientanda, e agradeço muito pela orientação prestada no desenvolvimento deste trabalho e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Aos professores da banca, agradeço por terem me aceitado para a defesa do TCC, a estarem dispostos e dedicar o seu tempo para fazer a leitura e revisão.

Se as coisas são inatingíveis...ora! Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas!

(Mario Quintana)

RESUMO

Desde que se tornou um instrumento importante para a educação nas aulas, especialmente no Ensino Fundamental, o livro didático tem sido discutido e avaliado, apontando-se limites e possibilidades. Por ser um dos recursos que está presente nas aulas de Geografia na escola de Educação Básica, é o livro didático que, em muitos casos, passa a ser utilizado e caracterizado como orientador das aulas. Por isso, nosso objetivo é refletir sobre como o livro didático vem sendo utilizado nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental, estabelecendo um diálogo entre as discussões teóricas e o enunciado dos professores e dos alunos do Ensino Fundamental. Este estudo permite inferir que o livro didático está tão entrelaçado com o ensino da Geografia que passa a ser utilizado, antes, durante e depois das aulas. Pode-se dizer que o livro didático é um dos recursos mais importantes, pois ajuda a nortear o planejamento curricular e a prática pedagógica dos professores, configurando-se como um potente influenciador das aprendizagens dos alunos e, até mesmo, dos professores.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Professor e Aluno. Aulas de Geografia. Ensino Fundamental. Escola pública.

ABSTRACT

Since becoming an important tool for education in the classroom, especially in Elementary School, the textbook has been discussed and evaluated, showing the limits and possibilities. As one of the resource present in Geography lessons in the Basic Education School, is the textbook that, in many cases, becomes used and characterized as a guiding school. Therefore, our goal is to reflect about how the textbook has been used in Geography lessons in Elementary School, establishing a dialogue between theoretical discussions and the statement of teachers and students of Elementary School. This study allows us to infer that the textbook is so intertwined with the Geography teaching that happens to be used, before, during and after classes. It can be said that the textbook is one of the most important resources because it helps to guide the curriculum planning and teachers pedagogical practice, setting up as a powerful influencer of student learning and even teachers.

Keywords: Teaching-learning. Teacher and Student. Geography lessons. Elementary School. Public School.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

LD – Livro Didático

LDs – Livros Didáticos

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PNLED – Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio

PNLA – Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos

INL – Instituto Nacional do Livro Didático

CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático

FAE – Fundação de Assistência ao Estudante

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC – Ministério da Educação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

PNLEM – Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio

PLIDEF – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

COLDET – Comissão do Livro Técnico e Livro Didático

FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar

INLD – Instituto Nacional do Livro Didático

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Programas Institucionais do Livro Didático a partir de 1930.....	24
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Conceitual A – Abordagem teórico-conceitual da pesquisa.....	14
Figura 2: Mapa Conceitual B – Análise do LD e a Melhor experiência com o LD na perspectiva dos professores.....	37
Figura 3: Mapa Conceitual C – Melhor aula de Geografia com o uso do LD na perspectiva dos alunos.....	41

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO	12
2 O LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO	15
2.1 LIVRO DIDÁTICO.....	15
2.2 A INSERÇÃO HISTÓRICA DO LIVRO DIDÁTICO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	22
2.2.1 História do livro didático	22
2.2.2 PNLD no Brasil	26
3. O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	30
3.1 IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DO USO DO LIVRO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	30
4. O LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DOS PROFESSORES E ALUNOS	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS	50

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO

Nesta pesquisa, colocamos em questão o Livro Didático (LD) nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental, investigando sua importância, limites e possibilidades do seu uso. Esta temática nos chamou a atenção, enquanto acadêmica da Licenciatura em Geografia, pois, na aproximação com a escola (nos componentes relacionados com os estágios), percebemos o uso intensivo e massivo nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental.

Buscar discutir os usos do livro didático significa incorporar professor e aluno, situar esses sujeitos a quem o livro se destina. Considerar esses sujeitos ativos significa adicionar um novo ponto de vista na compreensão do LD. Verificar as formas de seu uso permite detectar práticas, conteúdos e observar as ideologias que chegam a ser trabalhadas em sala de aula, mas, principalmente, analisar até que ponto é importante utilizar-se desse recurso. Tais questões permeiam nossa pesquisa.

Atualmente, o ensino tem passado por vários processos de transformações que levam em conta a percepção dos alunos no que se refere aos fundamentos geográficos. Teoricamente, a Geografia escolar nas últimas décadas, ao longo de suas estruturações, passou por diversas fases, com destaque para a Geografia Tradicional.

Geralmente, um dos materiais de apoio pedagógico que está intrinsecamente ligado às aulas de Geografia na escola é o livro didático. Esse recurso pode servir como orientador das aulas de Geografia, embora, muitas vezes, possa ser utilizado como único referencial para as aulas. Desde que se tornou um instrumento importante para a educação na sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental, o livro didático tem sido discutido e avaliado, positiva ou negativamente. Por isso, nesta pesquisa, investigamos este recurso e seu uso efetivo nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental. Por ser um dos materiais didáticos que está bastante presente na Geografia escolar, é o livro didático que, em muitos casos, passa a ser utilizado e caracterizado como orientador das aulas, fazendo com que se deixem de lado outros recursos que poderiam ser utilizados para um ensino e aprendizagem de melhor qualidade. Trabalhar com esse recurso é uma tarefa que envolve vários sujeitos e aspectos.

Considerado um instrumento de trabalho relevante na sociedade atual, o LD pode ser utilizado em sala de aula e em casa, pelo aluno e pelo professor, por isso, cabe a nós, professores e pesquisadores, pensarmos sobre o livro didático como elemento na intermediação nos processos de ensino e aprendizagem. Mas, para refletirmos, passamos a questionar como o livro didático é utilizado nas aulas de geografia no Ensino Fundamental.

A partir de tais problemas e, dado seu extenso uso em sala de aula que, nos últimos anos, devido aos processos de avaliação, vem melhorando muito sua qualidade em todos os sentidos, principalmente desafiando o professor e os alunos nos planejamentos e no desenvolvimento das aulas.

No sentido dessas considerações, a pesquisa será desenvolvida de modo qualitativo, por meio de pesquisas bibliográficas, pautando-nos em autores como: Sposito (2006), Castrogiovanni (2010), Pina (2009), Andreis (2012), Güllich (2013), Vesentini (2008), Lajolo (1996), Callai (2013 e 2005), Verceze e Silvino (2008), Oliveira (2014), Quintão (2009), Bezerra et al (2010), Brandão (2013), Kanashiro (2008), Castellar (2012), buscando reflexões acerca de um problema por meio de referenciais teóricos publicados. E como forma de dialogar com a investigação teórica, realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola do oeste catarinense para analisar o ensino da geografia a partir do livro didático e saber se há importância de usá-lo ou não. Serão feitas entrevistas com dois professores de Geografia da escola e quatro alunos do Ensino Fundamental.

Dessa forma, os resultados deste trabalho estarão divididos em três capítulos, além das considerações iniciais e considerações finais.

Nas considerações iniciais apresentaremos uma reflexão sobre o livro didático em questão, abordando aspectos que serão tratados dentro desta pesquisa.

Após, abordaremos o Livro Didático em Questão, trazendo uma breve discussão sobre o conceito e o histórico do livro didático no Brasil, destacando como se deu a inserção histórica do livro didático nas escolas brasileiras, com abordagem no PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) no Brasil.

Em seguida falaremos do Livro Didático de Geografia no Ensino Fundamental, abordando a importância e os desafios do uso do Livro Didático em Geografia no Ensino Fundamental, para pensarmos os processos de planejamento e desenvolvimento das aulas.

Após, realizaremos um diálogo com base empírica, enfatizando o uso do livro didático na visão dos professores e alunos, trazendo uma breve apresentação da escola selecionada, o perfil dos professores e alunos entrevistados e a forma de como esses docentes têm utilizado o livro didático de Geografia em sala de aula.

Por fim, apresentamos as possibilidades didático-pedagógicas do uso do livro didático como recurso ao ensino de Geografia no Ensino Fundamental: dentro deste contexto, abordando o livro didático, usá-lo ou não usá-lo? Trazemos também algumas reflexões para repensar a nossa prática de ensino e prática pedagógica enquanto professores de Geografia.

No entanto, esta pesquisa envolve questões que tratam dimensões que se entrecruzam: Geografia – Livro Didático – Ensino-Aprendizagem – Ensino Fundamental. Por isso, realizamos um mapa conceitual para compreendermos melhor o que se pretende pesquisar, com o intuito de refletirmos as diversas maneiras de pensarmos o ensino da geografia no Ensino Fundamental, tendo como base o livro didático, como uma das formas de ensino-aprendizagem em uma aula.

Aqui mostramos a existência de relações que existem entre essas dimensões que partem de um princípio: pesquisar para analisar as diversas facetas existentes entre a geografia, o uso do livro didático e como se dá o ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, a partir dessas combinações em uma sala de aula.

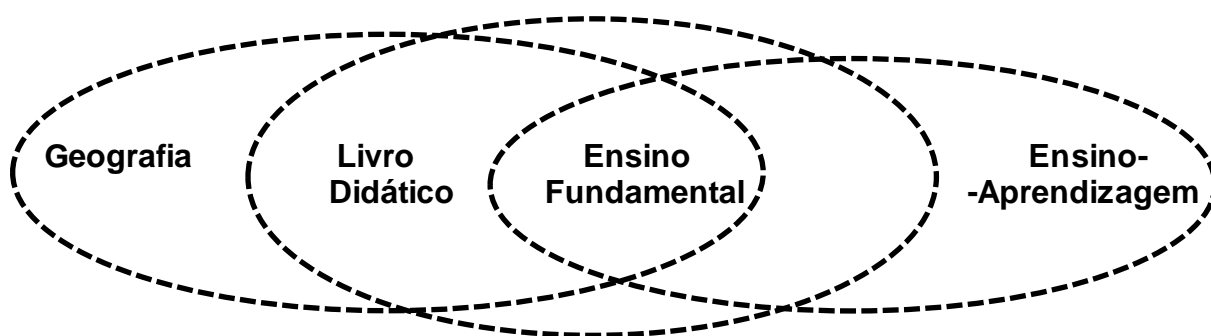


Figura 1: Mapa Conceitual A – Abordagem teórico-conceitual da pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

A partir do mapa conceitual, passamos a desenvolver esta pesquisa analisando o livro didático como um conceito, como se deu a sua inserção nas escolas brasileiras e, buscando trazer para a realidade, realizamos entrevistas com professores e alunos, para assim refletirmos a questão do uso do livro didático nas aulas de geografia.

2 O LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo realizamos, na primeira parte, uma abordagem envolvendo o conceito do Livro Didático, com o objetivo de ter uma visão geral sobre o conceito desse recurso. Em seguida, trazemos uma abordagem histórica da inserção do LD nas escolas brasileiras, com o objetivo de pensarmos os processos nos quais o livro passou a se difundir.

Essas discussões abrem possibilidades para pensarmos novas alternativas a partir do conhecimento que passamos a adquirir sobre o conceito do LD e de como ocorreu sua inserção nas escolas brasileiras. Trata-se de uma análise realizada por meio de uma abordagem histórica que destaca as diferentes formas de inserção nas escolas brasileiras.

2.1 LIVRO DIDÁTICO

Esta parte do capítulo visa expressar, em uma visão geral, algumas compreensões sobre o conceito do livro didático, com o propósito de compreender o que distingue e qual a importância do livro denominado de didático. Essa discussão caminha no sentido de pensar sobre usar ou não o livro didático, e as maneiras de utilizá-lo.

Falar sobre esse objeto é, sem dúvida, se envolver em um tema polêmico, pois, ao refletir sobre a natureza complexa e a especificidade do livro didático, é possível compreender as controvérsias que envolvem grande parte das pesquisas feitas sobre esse tema.

Contudo, para ter uma Geografia que estimule a aprendizagem nos alunos, é preciso que compreendamos o que é um livro didático, quais suas características, o que precisa conter para ser assim considerado.

Pensarmos em ensino com o uso do livro didático, muitas vezes, significa refletirmos sobre as contradições entre a finalidade educativa e a finalidade lucrativa, pois a produção desses materiais envolve políticas governamentais e pode ser orientada pensando no lucro e não na qualidade do ensino. Isso mostra que as relações entre escola e mercado estão se tornando cada vez mais complexas, pois o

que se percebe é que o comércio de livros significa possibilidades de vendas e de lucros.

O livro didático pode ser compreendido como um elemento de intermediação nos processos de ensino e aprendizagem, como um produto disponibilizado gratuitamente para todas as escolas públicas, que tem conhecimentos para a formação do aluno, e precisa ter qualidade em termos de conteúdo e durabilidade, pois, segundo Sposito (2004, p. 23) “é um objeto comprado pelo Governo Federal, para ser distribuído para as escolas em todo o Brasil”. Assim sendo, a partir dessa caracterização, os LD são distribuídos para serem utilizados e não como uma simples complementação.

O LD é um instrumento de comunicação, produção e transmissão do conhecimento, utilizado na maior parte por todas as escolas como um instrumento de trabalho do professor, como mediador do conhecimento, pois a sua função é contribuir para o aprendizado.

O papel que o livro didático possui, é de trazer um mero lugar para formar conhecimentos e transmiti-los para a sociedade, ou seja, aos indivíduos que o utilizam. Em muitos casos, identificado como se fosse apenas uma alternativa pedagógica. Pode até ser uma alternativa, mas esse material nos remete a vários modos de pensar a mediação do conhecimento, oportunizando sua utilização de diferentes maneiras durante a mediação do conhecimento.

O LD é um material que traz consigo um debate significativo em termos de educação, pois geralmente os livros são escritos, editados, avaliados, vendidos e comprados. Mas, se pararmos para pensar, é um recurso que envolve vários sujeitos e aspectos, é um material de múltiplas utilidades, contudo, é preciso compreender as características que, na maioria das vezes, todos os livros deveriam apresentar.

Os livros didáticos podem apresentar alguns critérios, segundo Kramsch ((1988) *in* TOSATTI, 2009, p. 32):

(1) são *orientados por princípios*: conhecimentos básicos, segundo o modelo de teoria de linguagem adotado; (2) são *metódicos*: pois o conhecimento é dividido em itens e classificados, e a aprendizagem é sequencial e acumulativa; (3) são *autoritários*: o que o livro diz sempre é verdade; e são *literais*: pois dão sentido de que devem ser seguidos.

Talvez hoje seja essa uma visão que precisamos ter em relação ao livro, principalmente quando se destaca o autoritarismo, pois existem livros hoje que dão a oportunidade para o professor exercer sua criatividade e trabalho individual, na qual

esse autoritarismo acaba ficando de lado, fazendo o professor buscar alternativas que de a oportunidade de ele mesmo poder se expressar de maneira mais fácil.

Partindo para uma definição mais ampla do que é um LD, utilizamos as ideias de Bittencourt, extraídas de dois textos ((1997b, 2006)² in KANASHIRO, 2008, p. 3 - 4)) na qual destaca:

O livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, [...] o livro didático é também um depositário dos conteúdos escolares, [...] além de explicar os conteúdos, é um suporte de métodos pedagógicos, ao conter exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e formas de avaliação de conteúdo escolar, [...] e o livro didático precisa ser compreendido como um vínculo portador de sistemas de valores, [...].

Dentro desse contexto, o LD é considerado como uma mera mercadoria, pois obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização, de acordo com as lógicas do mercado, sofrendo interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização.

Este material muitas vezes, é considerado um depósito dos conteúdos, pois dá um suporte básico e sistematizado de acordo com as propostas curriculares. Assim, por meio dele são passados muitos conteúdos e técnicas em determinadas épocas. O LD acaba direcionando formas de comunicação, possui capítulos ordenados com conceitos multiexplicativos. Por explicitar conteúdos escolares, é um material com suporte de métodos pedagógicos, pois contém: exercícios, atividades, sugestões de trabalhos, e até mesmo forma de avaliação.

É uma produção que leva o nome de um ou mais autores, tendo todo um grupo de pessoas no seu desenvolvimento industrial antes de sua chegada às escolas e livrarias. Por ser considerado uma mercadoria, o que importa para os editores é que ele seja vendido, e o principal comprador do livro é o próprio governo Federal. A partir disso resulta a importância de que o livro seja escolhido e bem avaliado, do contrário não será comercializado.

Em muitos casos, os materiais didáticos¹ são definidos como ferramentas pedagógicas destinadas a facilitar a aprendizagem, já em outros casos, segundo o

¹ Embora não nos dediquemos a essa questão, o livro Paradidático tem uma especificidade: podemos dizer que é diferente do LD, é um material que traz exatamente um ou mais temas ou assuntos. Nas escolas, em geral, é utilizado como um complemento ao livro didático, servindo como apoio para o aprofundamento de um determinado tema. Já o livro didático traz vários assuntos, com o propósito de abrir novos espaços de diálogos, podendo ser utilizado de diversas maneiras, recorrendo a diversas atividades que possam contribuir com o entendimento do tema a ser estudado.

pesquisador Frances Alain Choppin ((2001) in KANASHIRO, 2008, p. 1), traz uma contribuição para pensar esse manual escolar, enfatizando quatro funções:

[...] “o manual escolar pode variar segundo o lugar, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e os usos: função referencial curricular (tradução fiel do programa ou uma de suas possíveis interpretações, quando à livre concorrência); função instrumental (métodos de aprendizagem, atividades e exercício); função ideológica e cultural (língua, cultura e valores das classes dominantes e objeto privilegiado de construção da identidade nacional) e função documental (entendido como um conjunto de documentos textuais ou iconográficos).

A partir desse pressuposto, apesar do LD variar de acordo com sua função, praticamente não se pode defini-lo linearmente, dada sua natureza complexa, sendo que alguns livros contêm exercícios e outros não.

O livro é considerado bom se possuir meios de ensinar (conteúdos) e de como ensinar (estratégias e métodos) como um elemento fundamental para resolver problemas, principalmente a professores que possuem pouco tempo para preparar suas aulas, assim passando a utilizar esse recurso como forma de atender à demanda do seu dia a dia.

Segundo os autores Castrogiovanni e Goulart (2010, p. 134 - 135), podemos pensar que um bom livro didático é aquele que propicia uma visão da geografia segundo as perspectivas críticas, na qual deverá ser levado em consideração o seguinte:

A fidelidade das afirmações: as afirmações contidas no livro, com conceitos específicos, dados, gráficos, tabelas, mapas etc. devem ser mais fiéis possíveis à realidade estudada. [...] É importante que o livro forneça uma visão do espaço sem ideias preconceituosas, que permitam o estudo das questões no contexto social em que se apresentam, buscando uma universalidade das relações. [...] Cabe ainda ressaltar as questões relacionadas ao vocabulário geográfico em termos de qualidade, clareza e concreticidade, [...] (CASTROGIOVANNI e GOULART, 2010, p. 134 - 135).

Nesse contexto, segundo os autores, é preciso ter consciência das informações que estão contidas no LD, pois os conceitos deverão estar de acordo com as realidades estudadas, permitindo assim um estudo de acordo com o vocabulário geográfico. E para que haja clareza e qualidade nas relações, é preciso que o livro apresente estímulo à criatividade, pois é um elo fundamental para tornar uma aula mais rica, podendo fazer o aluno observar, interpretar, refletir e analisar a realidade em que se vive utilizando o LD, assim sendo, é de fundamental importância:

O estímulo à criatividade: [...] que o livro permita ao professor e aos alunos desenvolverem sua criatividade; portanto não se deve apresentar textos e exercícios que contenham ideias prontas, fechadas ou limitadas. Deve-se fornecer sim, elementos que estimulem o aluno, a partir da prática da observação, interpretação, reflexão e análise, uma visão crítica da realidade, [...] (CASTROGIOVANNI e GOULART, 2010, p. 134 - 135).

O que se pretende com essa análise não é descartar a importância dos mapas para o ensino, mas sim discutir sobre o seu uso dentro do livro e como ele poder oferecer subsídios aos usuários em sua leitura do espaço geográfico. Por isso, os livros devem apresentar clareza, indicando elementos simples e de fácil compreensão, como podemos destacar:

Uma correta representação cartográfica: O livro didático a ser escolhido deverá apresentar com clareza, simplicidade e exatidão os dados cartográficos. [...] São elementos de fundamental importância neste contexto: - Localização no texto; [...] – Escala; [...] – Simbologia; [...] – Projeção (CASTROGIOVANNI e GOULART, 2010, p. 134 - 135).

Verificou-se também de que um livro deverá apresentar abordagens de acordo com as realidades, onde seja possível observar e analisar o conteúdo, colocar em prática com a realidade em que se vive, interpretando seu cotidiano como forma de contribuir para o entendimento da geografia. Neste sentido é preciso:

Uma abordagem que valoriza a realidade: O livro deve oportunizar a reformulação de ideias e conceitos anteriormente empregados, inclusive do próprio texto. Isso significa a leitura do mesmo à luz da realidade, interpretando cada colocação, a partir de seu cotidiano, permitindo que professor e aluno utilizem suas vivências e experiências no sentido de contribuir para o entendimento da geografia como ciência transformadora, [...] (CASTROGIOVANNI e GOULART, 2010, p. 134 - 135).

Contudo, também vale ressaltar o enfoque de tornar o espaço uma totalidade, buscando vincular as ideias apresentadas pelo livro com o espaço em que o aluno se encontra, partindo-se de uma concepção a partir das situações concretas, mostrando a relevância da universalização do dia a dia, por isso é necessário:

Que enfoque o espaço como uma totalidade: [...] procurar tratar o espaço como uma totalidade, vinculando as ideias dicotômicas de natureza e de sociedade. O espaço deverá ser tratado mostrando o “físico” como recurso, fazendo a vinculação do mesmo com os processos de ocupação, [...]. Partindo dessas situações concretas, mostrar ao aluno a relevância da universalização das relações no seu dia a dia (CASTROGIOVANNI e GOULART, 2010, p. 134 - 135).

Por outro lado, podemos dar destaque às desvantagens que um livro pode apresentar, como as informações contidas em seu meio podem, muitas vezes, estar desatualizadas; podem apresentar de forma errada as informações, pois, por ser um livro, já tem em si uma condição de autoridade do saber, muitas vezes limitando o pensamento de quem o utiliza.

Levando em conta essas reflexões, a qualidade de um livro a ser utilizado poderá ter implicações no ensino. É preciso que em alguns casos sejam feitas algumas análises, tanto pelas escolas como pelos professores antes de adotar um determinado livro didático. Interpretamos algumas ideias da autora Milanez (2010):

- Verificar se o livro está de acordo com os avanços tecnológicos, da ciência, e das novas concepções pedagógicas e educacionais;
- Verificar se determinados conteúdos abordados foram atualizados;
- Buscar não adotar livros que contenham basicamente exercícios do tipo: identifique, risque, sublinhe, siga o modelo, copie, resolva etc.;
- Observar se os conteúdos trabalhados no livro se apresentam com clareza, coerência e nível de argumentação compatível e consistente;
- Observar se o livro apresenta vários elementos que estão didaticamente relacionados com a realidade do aluno.
- Analisar se o livro contém o conhecimento geográfico que se pretende levar para o aluno aprender, conforme seu grau de entendimento.

Ressaltamos, assim, questionamentos que nos permitem chamar a atenção dos educadores para a necessidade de analisar criteriosamente os recursos pedagógicos por eles utilizados.

Analisamos a questão sobre o livro didático e percebemos, primeiramente, que se deve dar prioridade à qualidade do livro, analisar se possuem linguagem bem elaborada, técnicas e textos estimulantes que atraiam o aluno para sua aprendizagem.

Quanto ao estilo do livro, este deverá corresponder às necessidades e interesses de seu leitor, com uma linguagem adequada. Os textos disponibilizados pelo LD devem conter maior complexidade na linguagem e seus conteúdos, como imagens que ajudam a contribuir para o desenvolvimento da criatividade, do imaginário e do gosto pela leitura, que são importantes para o pensar do aluno.

É importante também fazer uma análise quanto à qualidade física do material a ser utilizado, como a legibilidade da fonte utilizada, entre outros, dando preferência a materiais que não sejam descartáveis.

Assim, cabe aos professores conhecer as múltiplas facetas que um livro apresenta, pois o livro é um elemento fundamental para a mediação da aprendizagem, mas é preciso que compreendamos os variados aspectos que compõem os livros didáticos.

Para ser adequado ao aluno o livro precisa conter aspectos fundamentais como Sposito (2006, p. 24) propõe:

O livro didático deve apresentar os conteúdos e atividades partindo de ideias, noções e experiências que ele já possui, aprendidas através do senso comum no cotidiano vivido, respeitando sua fase cognitiva. Além disso, o livro deve apresentar estratégias de integração dos conhecimentos geográficos e das experiências que os alunos possam deter em relação aos novos conceitos elaborados. Por outro lado, os livros também devem contribuir no desenvolvimento progressivo da autonomia do aluno nos estudos, com uma abordagem em que ele seja tratado como sujeito ativo nos processos de ensino e de aprendizagem. Devem, ainda, estimular sua curiosidade para o aprendizado sistemático (científico), desenvolvendo, para esse fim, processos cognitivos básicos e níveis sucessivos a abstração (SPOSITO, 2006, p. 24).

De acordo com esses aspectos fundamentais apresentados, o livro deve apresentar conteúdos e atividades, estratégias de integração dos conhecimentos geográficos para que os alunos possam ter uma relação com os novos conceitos que serão abordados, tornando-o, assim, um sujeito ativo.

Partindo desse pressuposto, o livro como material muito utilizado precisa incorporar, coerentemente, as discussões e inovações na área de Geografia e estar em atualização constante em relação aos avanços tecnológicos. Assim sendo:

[...] um livro didático de Geografia deve, primeiro, preparar o aluno para atuar num mundo complexo, localizar-se nele, decodificá-lo, compreender seu sentido e significado; e segundo, desenvolver seu espírito crítico, que implica no desenvolvimento da capacidade de problematizar a realidade, de propor soluções e de reconhecer a sua complexidade (SPOSITO, 2006, p. 27).

Um livro didático deve estar sempre atualizado em relação aos avanços tecnológicos, ajudando a preparar os alunos para atuar em um mundo tão complexo, desenvolvendo um sentido crítico, podendo, assim, problematizar a realidade, obtendo soluções para desenvolver sua capacidade de compreensão.

Em síntese, o livro didático é considerado para o ensino além de conter conhecimentos e conceitos defasados e equivocados, uma visão reprodutora da ciência da qual decorre uma visão simplista de docência, em que o professor, por meio desse livro didático, passa a ser um mero transmissor do conteúdo e reprodutor das práticas/experiências.

Com essa problemática sobre a conceituação do livro didático no ensino fundamental, busca-se fazer uma contextualização histórica acerca de como ocorreu a inserção do livro no Brasil, e como ela se desenvolveu durante as décadas até os dias atuais.

2.2 A INSERÇÃO HISTÓRICA DO LIVRO DIDÁTICO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Tendo discutido o conceito de livro didático, passaremos agora para uma abordagem histórica sobre de como ocorreu a inserção do Livro Didático nas escolas brasileiras até os dias atuais.

O processo de desenvolvimento do sistema escolar brasileiro destaca-se pela preocupação com a utilização e a importância que os livros didáticos têm para o ensino de todas as disciplinas escolares e principalmente no que diz respeito ao ensino de Geografia no Ensino Fundamental.

Mesmo diante das mudanças promovidas pelos avanços tecnológicos que vêm sendo implantados nas unidades escolares brasileiras vivenciados na atualidade, o livro didático continua a ser o material mais utilizado nas salas de aula do Brasil.

2.2.1 História do livro didático

Entendendo a importância e a relação desse material no processo de ensino-aprendizagem, ressaltamos a relevância da inserção do livro didático nas escolas brasileiras.

O desenvolvimento Histórico do livro didático no Brasil constituiu-se primeiramente a partir do século XVIII, considerado como função referencial. Nesse período, o livro era considerado como principal instrumento de formação do professor. Esse manual era utilizado como guia para a geração do trabalho do professor, dando a oportunidade de direcionar a sua prática pedagógica.

Enquanto função instrumental, o livro escolar no Brasil adquiriu características que fizeram dele o mais importante no século XIX, considerado como um elemento imprescindível da prática-pedagógica dos professores, a qual propunha métodos de aprendizagens favorecendo a memorização, direcionando métodos de ensino e resoluções de problemas.

No entanto, no decorrer do século XIX, o livro passou a ser considerado como obra a ser utilizada também por crianças e adolescentes, mantendo essa função referencial para muitos estudantes na atualidade.

Os LD que eram utilizados pelos professores eram pensados em dois níveis, tanto pelo seu custo quanto pela sua raridade, pois como não existiam muitas obras didáticas e o seu preço era muito alto, passavam a utilizar-se de autores consagrados, sobretudo as obras religiosas. Pela dificuldade da época, o livro era utilizado como sendo a única fonte para a mediação do conhecimento pelos professores, na qual suas práticas metodológicas eram totalmente voltadas ao uso do livro didático.

Sobre a função ideológica que o livro apresenta, ele passou a ser considerado como um símbolo nacional, pelo fato de ser disseminador da língua, da cultura e de valores, podendo contribuir para a formação ideológica da criança, ajudando nos processos pelos quais a escola mesma passou a construir, tanto culturais quanto seus saberes e práticas.

A partir do século XIX o livro passou a ser um objeto controlado pelo Estado, assim sendo, por meio de leis, decretos e medidas governamentais o livro didático passa a ser considerado como um elemento nacional, ganhando importância a partir da década de 1930, passando por profundas mudanças, com seus conteúdos listados tornando-se objeto de ação por ordens governamentais. De acordo com Pina (2009, p. 25):

Nesse período do decreto Lei n. 1.006 de 30/12/1938, o livro didático recebeu o seu primeiro conceito formal no Brasil. [...] nesse mesmo período do decreto foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático dando início à sequência de programas institucionais implantados no Brasil depois de 1930 (Tabela 1).

Como mencionamos anteriormente, a inserção do livro no Brasil ocorreu a partir do século XIX, mas como esse recurso era um material mais utilizado por professores até o século XX, os LD eram estrangeiros e passaram a ser elaborados em outros países para assim serem importados para comercialização no Brasil. Mas, somente a partir da metade do século passado o livro passou a ganhar chances no território brasileiro, como cita Pina (2009, p. 26):

Concordamos que só depois da implantação dos programas e da formação de instituições para o livro didático, após a terceira década do século passado, é que o livro didático ganhou espaço e qualidade no Brasil, se tornando “oficialmente” até os dias de hoje o material didático mais utilizado nas escolas brasileiras.

Para entendermos melhor a normalização do LD no Brasil, passamos a utilizar a tabela 1, que apresenta um grande número de programas e diretrizes sobre o livro didático que poderão ser consideradas.

Tabela 1: Programas institucionais do livro didático a partir de 1930

ANO	PROGRAMAS INSTITUCIONAIS
1937	INL (Instituto Nacional do Livro Didático)
1938	CNLD (Comissão Nacional do Livro Didático)
1966	COLDET (Comissão do Livro Técnico e Livro Didático)
1968 1976	FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar) – criada em 1968 e sofreu modificações por decreto presidencial em 1976.
1971	INLD (Instituto Nacional do Livro Didático)
1980	PLIDEF (Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental)
1985	PNLD (Programa Nacional do Livro Didático)
1993	Plano Decenal de Educação para Todos
1996	PNLD 1997
1997	FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação)
2004	PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para Ensino Médio)
2007	PNLA (Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos)

Fonte: PINA, Paula Priscila Gomes. A relação entre o ensino e o Uso do Livro didático de Geografia. João Pessoa – PB, 2009.

Podemos dizer que foram sucessivos os programas institucionais implantados no Brasil, todos apontando objetivos e diretrizes diferenciados para que ocorresse a sua inserção no país, mas podemos destacar de que se assemelham em algumas coisas, principalmente na distribuição e qualidade do livro e a ampliação das políticas públicas para o livro didático no Brasil.

Sobre essa temática, podemos inserir o PNLD-Campo Programa Nacional do Livro Didático para o Campo, elaborado no ano de 2011, com o objetivo de distribuir materiais didáticos específicos para os estudantes e professores do campo que permitam o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de forma contextualizada, em consonância com os princípios da política e as diretrizes operacionais da educação do campo na educação básica.

Dentro desse contexto, podemos dar destaque a Coleção Integrada, um elemento proposto para ser utilizado a partir do ano de 2016. Esse programa além de adquirir materiais didáticos de alto padrão, conta com soluções educacionais que elevam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem de professores e alunos. Abrange as diversas áreas do conhecimento e dispõe de informações atuais e atividades contextualizadas que estimulam o aluno a dominar linguagens, compreender fenômenos, resolver situações-problema e construir argumentação, bem como elaborar propostas e estratégias para interferir nos rumos da sociedade, o que é, particularmente, avaliado no Exame Nacional do Ensino Médio. Essas coleções são disponibilizadas do 6º ano a 3ª série do Ensino Médio, passando a ser é uma interface interativa que reforça o aprendizado por meio de recursos e ferramentas tecnológicas.

Atualmente, podemos dizer que:

O governo federal executa três programas voltados ao livro didático: o programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e o programa Nacional do Livro Didático para alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA). Seu objetivo é o de prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado com obras didáticas de qualidade. Os livros didáticos são distribuídos gratuitamente para os alunos de todas as séries da Educação Básica da rede pública e para os matriculados em classes do Programa Brasil Alfabetizado. (...) A partir de 2009 recebe, também, um livro de geografia e um de física (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (2009) *In* ANDREIS, 2012, p.58).

Para entendermos melhor a história do livro didático no Brasil, de forma mais simples, utilizamos referenciais teóricos que contemplam esse fato em uma visão de fácil compreensão descritas na tabela 1. Em outras palavras, podemos entender que no Brasil o livro didático aparece como assunto para debate somente a partir do século XIX, quando foram sugeridos livros para atender aos alunos da classe social e economicamente privilegiada. Em 1929, desenvolveram-se as primeiras iniciativas para que os livros fossem adotados em sala de aula, por isso foi criado, em 1938, o instituto nacional do livro didático (INL), órgão subordinado ao MEC, que tinha como funções específicas: fazer legislações políticas do livro didático e contribuir para o aumento de suas produções, assim disponibilizando-os nacionalmente.

Posteriormente, foi instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) – criada com o intuito de regulamentar o uso do livro didático nas escolas brasileiras. A CNLD foi criada como instrumento político pelo Estado para controlar a elaboração

do livro didático, pois, para que fossem aprovados, os LD deveriam atender certas exigências do Governo.

Durante a década de 1960, durante a ditadura militar, os LDs foram utilizados como instrumento para transmitir as ideologias do governo em vigor. A partir de 1976, o governo assume a responsabilidade de comprar os livros para distribuir nas escolas. Em 1983 passa a ser criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) como forma de avaliação dos livros didáticos para corrigir certos problemas encontrados, propondo a participação dos professores nas escolhas dos LDs, com o intuito de ampliar o programa e incluir todas as séries do Ensino Fundamental.

E, por intermédio da FAE, foi criado em 1985 o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para dar mais desenvolvimento à educação, estabelece diretrizes, a escolha do livro pela escola com participação dos professores, a universalização do livro a todos os alunos do Ensino Fundamental e a adoção da reutilização dos livros. Assim sendo:

O PNLD tem representado, ao longo de todos esses anos, *um importante instrumento de apoio* ao processo de ensino/aprendizagem, ajustando-se, continuamente, às mudanças e às novas demandas colocadas para atendimento aos objetivos tanto do ensino fundamental como do ensino médio. Tanto é assim que, buscando oferecer a alunos e professores as *obras didáticas necessárias ao desenvolvimento do currículo*, o PNLD 2011 ampliou a oferta de livros didáticos [...] (BRASIL, 2011, p. 3 in GÜLLICH, 2013, p. 79) [Grifo do Autor].

No entanto, no caso brasileiro, o livro didático já estava presente na escola desde o século XIX, mas, o Livro de Geografia passa a ser recebido nas escolas públicas a partir do século XXI, mais precisamente no ano de 2009, onde passou a ser disponibilizado gratuitamente pelo Governo Federal.

A seguir, trataremos do Programa Nacional do Livro Didático no Brasil, sendo esse um importante instrumento de apoio ao processo de ensino-aprendizagem.

2.2.2 PNLD no Brasil²

Para entendermos melhor como ocorre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no Brasil, tomamos como referência alguns estudos como forma de reflexão e discussão do mesmo.

² Informações obtidas do site: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>
Acesso em: 16/11/2015.

Podemos destacar que no Brasil as escolas públicas estaduais recebem gratuitamente, todos os anos, os livros didáticos das disciplinas para o Ensino Fundamental.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1929. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira.

Em 1985, com o retorno ao sistema democrático, é criado o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, desenvolvido no âmbito das competências da FAE, e que tinha por principais diretrizes: Escolha do livro pela escola, com a participação dos professores do ensino de 1º grau mediante análise, seleção e indicação dos títulos; Universalização do atendimento a todos os alunos do Ensino Fundamental; e Adoção de livros reutilizáveis.

Desde 1985 – com a edição do Decreto n. 91.542, de 19/8/85, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), busca trazer diversas mudanças, como:

- Indicação do livro didático pelos professores;
- Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
- Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias;
- Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores.

O Programa tem por objetivo prover as escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários.

O PNLD é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas.

São reutilizáveis os seguintes componentes: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Física, Química e Biologia. Os consumíveis são:

Alfabetização Matemática, Letramento e Alfabetização, Inglês, Espanhol, Filosofia e Sociologia.

Um edital especifica todos os critérios para inscrição das obras. Os títulos inscritos pelas editoras são avaliados pelo MEC, que elabora o Guia do Livro Didático, composto por resenhas de cada obra aprovada, disponibilizado às escolas participantes pelo FNDE.

Cada escola escolhe democraticamente, dentre os livros constantes no referido Guia, aqueles que deseja utilizar, levando em consideração seu planejamento pedagógico.

Para garantir o atendimento a todos os alunos, são distribuídas também versões acessíveis (áudio, Braille e MecDaisy) dos livros aprovados e escolhidos no âmbito do PNLD.

Apesar desses avanços, em 1994 o PNLD ainda enfrentava algumas dificuldades tanto nos campos da distribuição do livro didático quanto no campo da qualidade, notadamente relacionada ao conteúdo. Por isso, foram definidos critérios para avaliação dos livros didáticos, com a definição de critérios para avaliação dos Livros Didáticos pelo MEC/FAE/UNESCO.

Em 1996 passou a ser iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro “Guia de Livros Didáticos” de 1ª a 4ª séries. Os livros foram avaliados pelo MEC conforme critérios previamente discutidos. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático.

Já em 1997, com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O programa é ampliado e o Ministério da Educação passa a adquirir, de forma continuada, livros didáticos de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, História e Geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental público.

A partir do ano 2000 os livros didáticos passam a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização e, a partir de 2004, foi feita aquisição e distribuição de livros didáticos para os alunos de 1ª a 4ª séries para reposição e

complementação, e a última reposição e complementação do PNLD 2002 aos alunos de 5ª a 8ª série.

Podemos, então, analisar que as políticas públicas da educação são instrumentos do Estado para fortalecer as linhas e programas de ação que nascem do programa como o governo, buscando, por meio de políticas públicas, transformações num âmbito geral quanto nas esferas municipais, estaduais e federais, aplicando regras para garantir acesso e direitos de todos à educação pública, gratuita e de qualidade.

Por isso, no contexto da educação brasileira, as políticas públicas nacionais buscam ser determinantes nos processos escolares no dia a dia, tanto no modo de ensinar quanto no currículo, como podemos perceber no excerto que segue:

O PNLD tem representado, ao longo de todos esses anos, *um importante instrumento de apoio* ao processo de ensino/aprendizagem, ajustando-se, continuamente, às mudanças e às novas demandas colocadas para atendimento aos objetivos tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio. Tanto é assim que, buscando oferecer a alunos e professores as *obras didáticas necessárias ao desenvolvimento do currículo*, o PNLD 2011 ampliou a oferta de livros didáticos [...] (BRASIL, 2011, p. 3. in GÜLLICH, 2013, p. 79) [Grifo do autor].

Nessa parte da análise, passamos a tomar como interfaces a educação pública e sua organização na perspectiva das políticas públicas curriculares que norteiam a educação nacional.

Sabe-se que o grande comprador dos livros didáticos no país é o governo federal, que procura atender às avaliações feitas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sob a responsabilidade da Secretaria do Ensino Fundamental do Ministério da Educação e Cultura, as quais vêm coordenando desde 1996 e abrangendo livros e coleções.

Contudo, apesar de hoje os LDs estarem mais condizentes com os variados processos tecnológicos, vale ressaltar que a sua difusão do PNLD pelo país, bem como seu processo de avaliação e escolha, é feita a partir do Guia de Escolha, pois é uma forma que o MEC encontrou para aproximar mais a política da população-alvo.

Deste modo, faremos a seguir uma análise sobre a importância e os desafios do uso do Livro Didático em Geografia no Ensino Fundamental, como forma de refletirmos o ensino e a aprendizagem a partir das transformações que vem ocorrendo no território brasileiro, tendo como base a questão entre usar ou não usar o LD.

3. O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Após termos elaborado uma análise sobre a inserção do LD e o PNLD no Brasil, passaremos agora a fazer uma abordagem sobre a importância e os desafios do uso do Livro Didático em Geografia, principalmente no Ensino Fundamental.

3.1 IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DO USO DO LIVRO DIDÁTICO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A importância de discutir sobre o uso do livro didático de Geografia no Ensino Fundamental faz com que tenhamos um espaço para refletirmos esse material que, hoje, no século XXI, é muito utilizado pelos professores de Geografia.

Nos últimos anos, a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem depende muito mais do desempenho do professor do que do livro didático. Mas, o LD se mantém como um recurso instrucional de mais largo uso em sala de aula, quando não o único recurso.

Por isso, podemos ressaltar que, atualmente, a ampla produção cultural disponibiliza múltiplas linguagens a ser utilizada como auxiliares na compreensão e análise do espaço geográfico. Não obstante, os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas e privadas do país, embora sejam utilizados de formas variadas. A variação de usos em sala de aula depende da relação existente entre vários fatores: a formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende.

Constata-se que a importância de seu uso vai muito além de uma obra a ser utilizada, independentemente do manual a ser adotado pelo professor, que pode até ser melhor em termos de conteúdo, vocabulário, questões propostas, adequação aos ensinamentos. Na realidade, segundo Vesentini (2008, p. 55): [...] “o Livro Didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última de referência e contrapartida dos “erros” das experiências de vida”.

Contudo é possível ter uma outra relação com o livro didático, segundo Vesentini (2008, p. 56):

O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais, revistas, com a realidade circundante. Em vez de aceitar a ditadura do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras paradidáticas etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa integrar criticamente o educando ao mundo.

Entretanto, os livros didáticos são considerados como um dos papéis fundamentais, pois é a partir dele que se determina conteúdos e estratégias de ensino, marcando de forma decisiva o que se ensina, como se ensina e o que se quer ensinar.

Didaticamente, o livro é um instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Embora em muitos casos pode valer como um processo decisivo para a qualidade da aprendizagem, dependendo da atividade desenvolvida.

Mas, para que não ocorra esse processo decisivo, e para que seja considerado didaticamente, o livro precisa ser usado de forma sistemática, contendo textos informativos, aos quais seguem exercícios e atividades. Nesse sentido, a expectativa do LD é que, a partir dos textos informativos, das ilustrações, diagramas e tabelas, seja possível a resolução dos exercícios e atividades cuja realização favorece o aprendizado.

Diante dessas concepções, a importância do livro didático no processo de ensino-aprendizagem de Geografia no Ensino Fundamental é amplamente discutida, sendo que, na sociedade brasileira, livros didáticos e não didáticos são centrais na produção do conhecimento, sobretudo aquele cuja escola é responsável. Mesmo diante da variedade de livros existentes, todos têm um papel importante, como ressalta Lajolo:

Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva o que se ensina e como se ensina o que se ensina (LAJOLO, 1996, p. 4).

O livro didático dirige-se simultaneamente a dois leitores principais: o professor e o aluno, sendo que o professor se torna o principal leitor do livro didático, pois é somente a partir do professor que chega às mãos dos alunos. Podemos dizer

que o livro deve ser mais que um exemplar, passando a se distinguir dos outros pelos conteúdos que possui. Assim:

O professor precisa interagir com livro, e não utilizá-lo como mercadoria que dialoga com seus consumidores, mas como dialogam aliados na construção de um objetivo comum: ambos, professores e livro didático, são parceiros em um processo de ensino muito especial, cujo beneficiário é o aluno (LAJOLO, 1996, p. 5).

Se pensarmos como o livro didático é utilizado nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental, vale ressaltar a formação profissional de um professor que, além de sair habilitado, enfrenta de igual forma problemas muito sérios referentes à realidade da sala de aula, pois a formação de um profissional que possa dar conta de analisar o espaço como expressão de uma realidade social supõe, desta forma, o desenvolvimento de uma visão da totalidade do mundo.

Para além de o professor conseguir exercitar a sua cidadania, dando conta de gerir a sua própria atividade profissional, construindo e reconstruindo constantemente o saber, analisamos:

Se o aluno que estuda Geografia está interessado em entender o mundo, que em muitas vezes lhe é confuso, é grande demais, é cheio de mistério, é fundamental entender se o acesso que lhe é dado para essa compreensão é adequado. Adequado no sentido de dar-lhe a possibilidade de construção de um instrumental teórico-metodológico que lhe permita obter informações e trabalhar com elas para compreender a realidade (CALLAI, 2013, p. 123).

Isso nos remete às múltiplas possibilidades que passam a ser encontradas a partir do LD utilizado em sala de aula, onde a ideia passa a ser direcionada por meio do simples ensinar a Geografia utilizando os conteúdos presentes no livro didático e supondo que os alunos consigam apreender o conteúdo de forma mais significativa.

Refletir sobre a escola, o ensino e os conteúdos reporta-nos a conhecermos o mundo no qual estamos vivendo. Ao analisarmos a educação com o passar dos tempos, percebe-se que as orientações oficiais para a Geografia trazem a proposição com este mesmo entendimento de possibilidades e desafios estarem indissociáveis quando se fala em ensino-aprendizagem. As políticas públicas de educação voltadas para o ensino específico têm o propósito mais forte nos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais que servem de referência para os demais documentos, inclusive o LD. Assim sendo, Callai ressalta que:

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações

socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer a realidade: o conhecimento geográfico (BRASIL, 1997, p. 108 In CALLAI, 2013, p. 95).

A partir desses aspectos sobre o ensino de geografia para compreensão da realidade a partir de conceitos básicos, pode-se ter entendimento de que as estratégias e as metodologias servem como mediação dos conteúdos, na qual passam a encaminhar de forma mais viável o ensino da Geografia em sala de aula, auxiliando principalmente o tipo de trabalho que poderá ser desenvolvido em sala de aula por meio das proposições de como fazer o ensino para que se efetive a aprendizagem.

A realidade da sala de aula tem mostrado que é um desafio atingir os objetivos propostos pela Geografia. Por isso, vale ressaltar a importância de destacarmos a preocupação que se tem com a qualidade do ensino da Geografia. Segundo Vesentini (In QUINTÃO et al, 2009, p. 4):

O professor crítico e/ou construtivista – e não podemos esquecer que o bom professor é aquele que “aprende ensinando” e que não ensina, *mas “ajuda os alunos a aprender” – não apenas produz, mas também produz saber na atividade educativa* [Grifo do autor].

Com essa perspectiva, pode-se considerar que fica mais fácil colocarmos em prática um ensino mais significativo de acordo com o cotidiano do aluno, na busca de superar os desafios do distanciamento da Geografia ensinada e o espaço geográfico.

Assim sendo, no Ensino Fundamental, o maior desafio que o professor encontra no processo da mediação do ensino, ao se constituir como sujeito ativo, é ultrapassar o papel de transmissor de conhecimento que ele exerce na sala de aula, é preciso ter a capacidade de criar, de decidir e produzir conhecimentos, elaborar análises sobre a realidade, passando assim a exercer seu papel como um intelectual, transformando o livro didático em um instrumento pedagógico e não em um instrumento absoluto na sua prática em sala de aula.

Outro desafio é buscar soluções inovadoras para a apresentação do conhecimento geográfico, para a partir desses materiais compreender o espaço geográfico como um todo. E, ao utilizar-se do livro didático em sala de aula, o problema que se encontra é na hora da mediação de tais conceitos em que o LD apresenta, tornando assim um grande desafio para o professor no processo da mediação do ensino-aprendizagem, que encontra dificuldade ao fazer com que o

aluno possa elaborar e trabalhar com conceitos específicos como espaço, paisagem, território, região, sociedade, natureza, cultura, poder, entre outros.

Com o tempo acaba tomando como forma de critérios do saber, tornando-se um desafio para o professor, um fato que pode muitas vezes ser uma ilustração terrível como: veja no livro, estude para a prova entre as páginas x e y, procure no livro etc., transformando o conteúdo em uma matéria assimilada e não pensada pelos alunos.

Mas, o maior desafio para a mediação no ensino fundamental é, segundo Sposito (2006, p. 29) “[...] utilizar-se da linguagem cartográfica como um instrumento para compreender a distribuição dos fenômenos, representar e interpretar o espaço geográfico”.

Assim, a partir do contexto de produções significativas acerca do uso do livro didático na escola básica e sua relação com a instituição da docência, consideramos a tendência de que o livro didático substitua as diferentes metodologias que poderiam ser apropriadas para o ensino.

Diante desse pressuposto, analisamos que os sujeitos fundamentais na utilização do LD são professor e aluno, e a eles se junta a escola, pois são sujeitos fundamentais para a mediação do ensino e não podem ser compreendidos isoladamente, pois é no contexto escolar que a mediação de ensino e da aprendizagem são realizadas.

Portanto, a partir das possibilidades e os desafios constatados nesse capítulo, parte-se para uma reflexão a partir da importância do livro didático na visão dos professores e alunos, com o intuito de analisarmos se é importante utilizar o LD ou não em sala de aula no Ensino Fundamental.

4. O LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DOS PROFESSORES E ALUNOS

Hoje em dia, professores e alunos procuram novas alternativas quando se fala em utilizar o livro didático como instrumento de aprendizagem e conhecimento a respeito do espaço geográfico vivido cotidianamente, tanto por alunos como por professores.

O principal objetivo é cotejar com o campo empírico para tencionar e analisar o livro didático e o ensino-aprendizagem em Geografia para obter enunciados de sujeitos que nos permitam pensar sobre a temática.

Partindo para uma realidade mais próxima, após discutirmos os capítulos 1 e 2, é importante analisar o livro didático, apresentando a importância deste na visão de professores e alunos. Para tanto entrevistamos dois professores que atuam no Ensino Fundamental e quatro alunos, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola situada em um município do oeste catarinense, que atende diferentes classes sociais, sendo 700 alunos, incluindo o Ensino Médio, nos turnos diurno e noturno.

Nesse sentido, primeiramente, foram entrevistados quatro alunos que denominamos Aluno A, Aluno B, Aluno C e Aluno D, entre eles três do gênero feminino e um do gênero masculino. Como eram alunos do sexto ao nono ano, entrevistamos um aluno de cada série, com o objetivo de analisar a importância do uso ou não uso do livro didático em sala de aula, para, a partir dessas indagações, pensar como foram essas aulas com o uso do livro didático.

Posteriormente, entramos em contato com os professores, agendamos e realizamos as entrevistas com dois professores, ambos atuando no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, caracterizados como Professor 1 e Professor 2. Realizamos as entrevistas com o intuito de analisarmos a importância do uso ou não uso do LD no Ensino Fundamental.

As entrevistas foram agendadas separadamente, para não ocorrer eventuais problemas na hora do diálogo, em virtude de os alunos terem aula todos os dias da semana e os professores possuírem compromisso com a docência durante todos os dias da semana ou até mesmo fora da escola. A entrevista ocorreu no dia 04 de setembro de 2015 e foi feita a partir de gravações, onde se fez a pergunta e após estas eram respondidas sem intervenções.

Essas entrevistas foram transcritas para o trabalho, adaptando algumas falas, e corrigindo eventuais características comuns dos enunciados verbais e espontâneos.

Para a realização das entrevistas perguntamos para os professores: Qual foi e como foi a melhor aula que você ministrou com o uso do livro didático?

O professor 1, salienta de que:

Tantos anos de experiência em sala de aula, a minha melhor aula que já dei posso dizer, é que onde a gente fez a leitura do conteúdo, depois a gente fez um debate em cima disso relacionando o conteúdo com a atualidade que nós vivemos hoje, onde os alunos participaram, contaram fatos que tenha sido trabalhado, que a gente estudou no livro e com a realidade que eles vivem hoje. Entretanto, a importância do uso livro didático é que podemos relacionar o conteúdo com a realidade que vivemos hoje, aonde os alunos participam das aulas e contam fatos da própria vivência deles relacionando com o conteúdo que viram no livro. Mas sempre relacionando com a realidade que os alunos estão vivendo hoje (Professor 1, 28 de ago. de 2015).

Podemos observar que o Professor 1 considera o livro didático importante para o conhecimento de modo geral. Além disso, destaca que sua metodologia é feita por meio de leitura dos conteúdos, e após debatendo em conjunto com os alunos. Porém, assinala que na aula sua análise está sempre voltada para a realidade do aluno.

De acordo com o Professor 2:

O livro didático é uma ferramenta para o professor, então entre ter e não ter é melhor tê-lo, por que na maioria das turmas a gente ocupa o livro didático, por que tem uma sequencia dos conteúdos, é uma forma dos professores não se perderem. Eu gosto do livro didático por que da para trabalhar em grupos, a gente distribui o conteúdo por grupos na sala e geralmente os grupos apresentam esse texto, e o professor auxilia na ora da explicação, e depois o professor complementa. No entanto, o aluno tem o conteúdo e ele pode buscar e ir além daquele conteúdo como forma de pesquisa. A sala de informática a gente utiliza muito como ferramenta para aprofundar o conteúdo. E a melhor aula que já dei, na verdade é que nossos livros hoje vêm com muitos mapas, pra mim as melhores aulas é quando o aluno pode acompanhar, por exemplo num mapa, ele pode acompanhar a legenda, fazendo a leitura da legenda, por que geralmente os mapas vem bem identificados. Nesse sentido gosto muito de trabalhar com mapas e fazer leituras de mapas. Então o livro didático, é uma ferramenta muitos mapas, aonde se consegue fazer a leitura e a interpretação da legenda. Entretanto, é importante usar o livro didático por que é uma ferramenta para o professor não se perder, tanto na sequencia dos conteúdos. E é uma forma de o aluno ter o material (Professor 2, 31 de ago. de 2015).

O professor 2 acha o livro importante, pois é uma ferramenta que direciona o professor. Quanto à sua metodologia, quer dizer que o livro didático é entendido como um orientador da sequência dos conteúdos e das atividades. Analisa-se,

também, na visão do Professor 2, que o LD é uma fonte e forma do aluno se situar, ou seja, se localizar a partir do próprio espaço em que vive.

Segundo o relato dos professores, salienta-se que o livro didático é usado com mais frequência, como um material exclusivamente auxiliar do seu processo de ensino, assumindo uma posição crítica frente aos conteúdos ali expostos, despertando nos seus alunos o senso crítico necessário para se ler alguma coisa. Contudo, percebe-se que o livro será o auxiliar do professor no processo de ensino e o auxiliar do aluno no processo de aprendizagem.

Para entendermos melhor a visão dos professores sobre a importância de utilizarmos o livro didático no Ensino Fundamental, realizamos um diagnóstico e o separamos em um mapa conceitual, segundo análise sobre o uso do livro e qual foi a melhor experiência com o livro. A partir disso, constatamos na análise sobre o livro didático, na visão dos professores 1 e 2, que ambos utilizam o livro para fazer a leitura e realizar o acompanhamento do conteúdo. Já na parte que aborda qual foi a melhor experiência com o livro, ambos os professores destacam que buscam relacionar o conteúdo com a realidade do aluno, pois tendo o conteúdo o aluno poderá ir além, como forma de pesquisa.

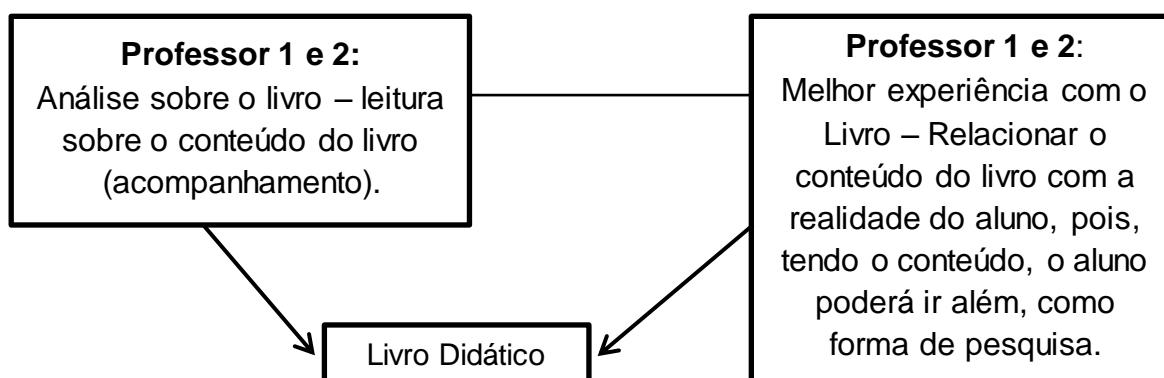


Figura 2: Mapa conceitual B – Análise do LD e a Melhor experiência com LD na percepção dos professores.

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Percebe-se que as respostas dos professores se assemelham, pois ambos consideram o livro didático um recurso indispensável para o ensino da Geografia. Também verificamos, através dessas semelhanças, a importância de trabalhar com os livros didáticos, e que se o utilizarmos em aula, não podemos depender somente deste recurso. Hoje é preciso, a partir da realidade do aluno, trabalhar de outras

formas, com outras metodologias, mesmo sabendo que o livro traz muitas informações e conteúdos.

Percebe-se que os livros são utilizados de modo integral, servindo como introdução e complementação das aulas. Analisa-se também que os docentes usam o livro didático como um material de apoio para organizar as aulas, ou seja, na preparação e no planejamento das aulas.

Podemos destacar que em geral os professores utilizam os livros, pois possuem condições de agregar o conteúdo com a realidade em que o aluno vive, entendendo o contexto de uma determinada época a partir do conteúdo que o próprio livro apresenta, com o intuito de fazer os alunos refletirem sobre as problemáticas que lhes são dadas.

Esse material deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como um instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos. Daí advém a necessidade de um professor bem formado, que saiba relacionar os conteúdos do livro com as diferentes linguagens disponíveis e com o cotidiano de seus alunos, tornando a sala de aula um lugar de diálogo e de confronto de ideias diferenciadas.

Muitas vezes o livro acaba sendo o roteiro das aulas, comprometendo a aprendizagem, pois tal postura do professor acaba por não considerar a multiplicidade de recursos oferecidos para auxiliar no ensino-aprendizagem entre professor e aluno.

A pesquisa nos mostra que temos, hoje, muitos professores preocupados com a formação do aluno. E essa preocupação faz com que a criatividade do professor também faça a diferença, apontando para a valorização enquanto educadores comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, entende-se de que o professor deve adotar a postura de mediador diante desse processo, mas, para tanto, é necessário que durante todo o processo de ensino-aprendizagem, trabalhe com mecanismos que agucem a curiosidade do alunado, utilizando a diversidade textual, e sobre tudo, saiba interagir com o aluno, pois quanto mais diversificada, criativa e interativa for a aula, melhor condição terá o aluno na interação em sala de aula (VERCEZE; SILVINO, 2008, p. 97).

Assim, pode-se dizer que, em uma aula, quando o professor possui um direcionamento interativo, favorece ao professor extrapolar o conteúdo do livro didático. Se o professor se propõe trabalhar com uma diversidade de recursos, com ou sem o livro didático, estará proporcionando uma aula mais prazerosa ao aluno

com uma inter-relação que seja necessária para sua aprendizagem, relacionando com o seu dia a dia.

Observando a importância e o papel que o livro didático tem em sala de aula, torna-se necessário que o professor utilize o livro como apoio. Embora admitindo-se que os professores têm consciência da importância de se utilizar a diversidade em sala de aula e da utilização do livro didático apenas como um material de apoio, identificamos, através desse questionamento, as dificuldades encontradas nos processos de transmissão do conhecimento, pois muitas vezes se utiliza apenas o conteúdo do livro, fazendo um esboço como leitura, explicação e atividade, se esquecendo de que estão trabalhando com alunos (crianças), onde o livro didático propicia o aproveitamento do conhecimento que o aluno tem para a construção do seu conhecimento científico.

Partindo-se desse princípio, é preciso lembrar que o aluno traz consigo experiências de vida conforme sua visão de mundo e a realidade em que vive. No entanto, é através do ensino que devemos preparar o aluno para sistematizar o conhecimento que já possui, transformando em conhecimento científico e inserindo-o no seu cotidiano, de modo que amplie sua visão de mundo.

Entretanto, grande parte dos livros didáticos, deram sua contribuição, pois passam a dar pautas em propostas curriculares inovadoras. Mas, como foi mencionado pelos professores entrevistados, o livro didático hoje utilizado na escola pelos professores, principalmente no Ensino Fundamental, não deve ser apresentado como única fonte para direcionar o processo de ensino-aprendizagem, pois esse deve ser visto apenas como um dos instrumentos de apoio necessários para se trabalhar em sala.

E, por melhor que seja, é preciso ampliar os nossos conhecimentos, estando sempre em constante atualização.

Diante de todo esse processo, uma aula com ou sem o livro didático vai além do esperado, pois, com o auxílio do professor no processo da mediação, ele vai procurar vincular o conteúdo do livro diretamente com a realidade vivida do aluno, como podemos perceber nas falas dos alunos A, B, C e D, de acordo com a questão proposta a eles na entrevista: Qual foi e como foi a melhor aula de Geografia que você já teve com o Livro Didático:

A: Todas elas na verdade foram boas, mas a que eu mais gostei foi quando a gente fez uma prova, essa prova era em dupla e apresentava como tema Astronomia e os Planetas. Eu achei esse conteúdo bem importante e interessante, por que a professora explicou pra gente, ela passou uma folha com o texto, e uma outra folha com a pergunta, aí a gente teve que responder. Mas antes, a professora ensinou a gente, de quantos planetas tinha, o nome de cada um, quantas luz tinha cada planeta, quantos satélites. E eu achei importante estudar isso por que é o nosso futuro, pois estudamos o nosso futuro, e também por que é uma coisa que é a gente que está aprendendo (Aluno A, 31 de ago. de 2015).

B: A melhor aula que eu já tive de geografia, foram quase todas, na verdade todas. Como a nossa turma é grande, tem muitos alunos que acabam fazendo bagunça, aí não é muito boa, por que a gente acaba se distraíndo, sabe. Mas, para mim, é boa todas as aulas de Geografia. Por que parece que a gente tem um conhecimento, a gente aprende de tudo, principalmente dos países, a gente faz pesquisas. As aulas foram bem legais, mas quando a turma faz bagunça não é bom estudar, pois agente se distrai. E o conteúdo que eu mais gostei foi fazer pesquisa (Aluno B, 31 de ago. de 2015).

C: A melhor aula de geografia que já tive, era quando a professora passava os slides, daí ela explicava, lia, e passava imagens sobre o conteúdo. Eu acho que foi a melhor aula por que era diferente, por que ela explicava, e nós não precisávamos copiar, por que ela fez diferente das outras aulas, por isso era interessante. As aulas durante todo esse processo foram legais, mesmo utilizando o livro, ela fazia outras atividades, perguntas, pedia para fazer trabalhos para apresentar para a turma, levava a gente para a biblioteca, para a sala de informática, e passava vídeos que tem a ver com o conteúdo (Aluno C, 31 de ago. de 2015).

D: As melhores aulas de geografia que tive, na verdade foram todas, quando se fala bastante de mapas, conhecer capitais de países, tudo é interessante. Eu acho importante em função de conhecer o globo, conhecer os continentes, pois na verdade na geografia se estuda de tudo, é bem legal. Essas aulas que eu gostei, foram mais de colocar nomes de países, com isso a gente vai conhecendo, e pintar (Aluno D, 31 de ago. de 2015).

Podemos observar que os resultados obtidos na visão dos alunos em relação à melhor aula de geografia que já tiveram com o livro didático são de que esse instrumento é indispensável para o aprendizado, no qual passam a utilizar o livro didático para tirar suas dúvidas, ou quando querem aprofundar determinado assunto, no entanto, para entendermos melhor separamos sete pontos que se assemelham entre as falas dos alunos, no mapa conceitual a seguir, com o objetivo de analisarmos a importância do uso do livro didático no Ensino Fundamental.

Analisamos também que os alunos destacam muitas temáticas diferentes que merecem ser pensadas pelos professores da escola e, também pelos professores da universidade.

Pois, perguntamos uma coisa, mas o aluno responderam de maneira diferentemente da questão proposta. Isso nos mostra que uma das possibilidades é que o aluno está desviando o foco, para evitar constranger o professor, e a segunda

hipótese entende-se que acha o livro importantes, mas passam a considerar outros aspectos como argumentos mais importantes para uma boa aula.

Nesse sentido, destacam-se as ideias de:

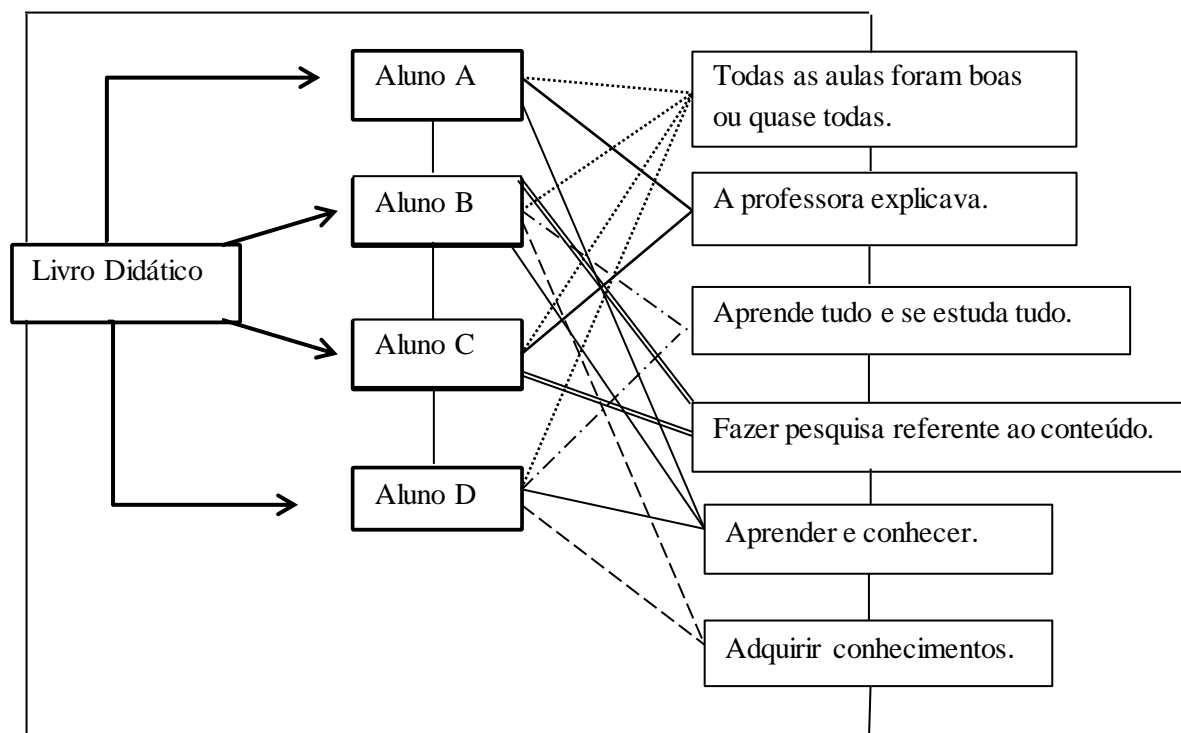


Figura 3: Mapa conceitual C³ – Melhor aula de Geografia com o uso do LD na percepção dos alunos. Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Podemos destacar que o LD é um instrumento muito utilizado em sala de aula, de acordo com a visão dos alunos. Destaca-se que 100% dos alunos consideram todas as aulas ou quase todas as aulas de Geografia melhores com o uso do livro didático, 50% dos alunos fazem a leitura do livro para compreenderem melhor a explicação do conteúdo por parte da professora; outros 50% destacam que o livro didático de geografia é considerado um material no qual se aprende tudo e estuda tudo; 50% dizem que adoram estudar Geografia, pois a partir do conteúdo estudado através do livro, podem compreender melhor e utilizam a informática para fazer pesquisas; já 75% dos alunos citaram durante as entrevistas que, com o livro didático de Geografia, passam a aprender e conhecer aspectos relevantes que condizem com o seu dia a dia; e, por fim, 50% responderam que o livro didático é

³ Os diferentes formatos das linhas não representam hierarquia quantitativa ou qualitativa. São meras diferenciações entre os enunciados dos alunos.

uma boa mediação de ensino-aprendizagem em sala de aula, com ele passa-se a adquirir conhecimentos com mais facilidade.

Portanto, podemos destacar pontos positivos em relação ao uso do LD em sala de aula, mas é preciso desenvolver diferentes metodologias, utilizar-se de diferentes formas de atuação em sala de aula, buscando sempre relacionar o conteúdo científico com a realidade dos alunos, pois o que se percebe, de acordo com o mapa conceitual 3, é que essa ilustração mostrada serve para análises que podem auxiliar no ensinar-aprender, levando em consideração que, para o professor de Geografia, é essencial compreender essas diferentes maneiras de como o espaço é visto pelos alunos.

Percebemos, assim, a diversidade de concepções e usos do livro didático atualmente, para alguns o livro é a própria aula, para outros o livro é apenas um material para auxiliar na tarefa cotidiana. Mas, os alunos avaliam o LD de forma diferente, para a maioria deles o livro é considerado um referencial, um material que contém, mesmo que em partes, conteúdos importantes a serem estudados, principalmente o conteúdo que cai na prova.

Ao analisar as representações feitas pelos alunos, é necessário empenho na sua compreensão, pois se não houver empenho no ensinar-aprender, haverá dificuldades no processo de comunicação e, portanto, a maneira de se expressar.

Com isso, podemos ter uma noção da dificuldade que eles encontram para entender determinado conteúdo, mas percebe-se que os alunos desejam que o livro didático se aproxime mais da linguagem da realidade e do cotidiano deles, e no seu entender exigem explicação do professor de acordo do conteúdo abordado.

Esses enunciados dos professores e dos alunos dizem respeito às estratégias e ao tipo de trabalho desenvolvido na sala de aula por meio das proposições de como ensinar, para que se efetive a aprendizagem.

Entendemos que o livro continua a ser uma ferramenta muito utilizado para o trabalho do professor e, assim como muda a orientação metodológica do ensino de Geografia, é preciso que o livro mude também, mas, estes desafios devem ser acompanhados pela imaginação que os professores tem do LD. Castellar *et al* (2012, p. 217) destaca que: “Sob essa premissa, o livro deve responder como um guia ou mediador entre professor e aluno e deve responder às necessidades que norteiam o processo de aprendizagem com um tema geral por nível e grau de complexidade”.

Sobre essa problemática de usar ou não o livro didático, é importante ter em mente que podemos ter diversas relações com o livro didático, como:

O professor pode e deve encarar o manual não como definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante (VESENTINI, 2008, p. 56).

Neste sentido, o livro didático pode ser considerado um importante instrumento no processo educacional, no momento em que é um espaço onde as ideias são vinculadas, no qual se transmite e se transfere conhecimentos dos mais diversos tipos, do senso comum ao conhecimento científico e tecnológico, conhecimentos que valorizam a materialidade do passado em comparação com os nossos dias atuais.

A partir desse contexto, podemos ressaltar a importância e a necessidade do texto, apontando algumas características que passam a tornar o livro didático imprescindível no espaço escolar, dentre as quais podemos destacar: como instrumento pedagógico; como um mecanismo do processo de ensino e aprendizagem; como um material de capacitação; e como um elemento fundamental na mediação educacional para o desempenho dos alunos em sala.

Como principal aspecto destacamos o papel do professor, com os desafios do uso do livro didático para o planejamento das aulas e no desenvolvimento destas aulas. Vale destacar que o planejamento escolar, geralmente realizado no início do ano letivo, passa a estabelecer, muitas vezes, o conteúdo que será dado no decorrer do ano, com base no sumário do livro didático.

Isso demarca uma preocupação exagerada com o conteúdo, uma dissociação deste da própria metodologia; e o que é pior, uma tendência de considerar como objetivos da programação, a reprodução aprendida da mesma programação. Em outras palavras: certos meios tornam-se fins e a razão de ser do planejamento desaparece (QUINTÃO, 2009, p. 7 *In* OLIVEIRA, 1991, p. 31).

Essa prática pode ser cansativa e desestimulante tanto para os alunos como para os professores. Tal fato nos remete a uma forma de pensar os desafios que o livro didático traz para a sala de aula, reduzindo as perspectivas de haver uma melhor compreensão espacial, de acordo com Quintão (2009, p. 7): “os alunos sempre terão em mente que a próxima aula será nada mais que uma continuação do assunto baseado na sequência estabelecida pelo sumário do livro didático”.

Em uma perspectiva de analisar o ensino e a aprendizagem da Geografia em sala de aula com o uso do livro didático, podemos dar destaque ao que se aproxima e o que se distancia de acordo com a visão dos professores e alunos.

Muitos professores que atuam na escola pública não se dão conta da importância que tem o seu papel na vida dos alunos. No entanto, é preciso que o professor conheça seu papel diante da escola, assim sendo, pode-se dizer que a interação entre professor e aluno é imprescindível para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem.

Também é preciso que o professor dialogue em suas aulas, pois só assim estará conquistando os alunos, fazendo sua aula mais produtiva, pois acabam surgindo curiosidades, estímulos para que ocorra a aprendizagem.

O que faz professor e alunos se aproximarem é a questão do professor saber usar o livro em sala de aula, além de articular o conteúdo do livro com o que o aluno já sabe, buscando fazer relações para que eles possam, a partir daí, interpretar diferentes realidades. Ou seja, aproximar o ensino-aprendizagem com a visão de mundo que cada aluno traz para a sala de aula.

Mas, o mais importante que podemos destacar é que o professor, para ter uma boa relação com alunos e ter a confiança dos mesmos, precisa buscar variados recursos que contemplam o livro, para melhor compreensão dos alunos, interagir, procurar trabalhar conteúdos que eles gostam, que podem acompanhar em sala de aula, mas, principalmente, buscar transmitir o conhecimento de acordo com as necessidades de cada aluno.

No entanto, o distanciamento entre professor e aluno muitas vezes ocorre pela falta de diálogo entre professor e aluno, as aulas acabam se tornando monótonas, repetitivas, simplesmente leitura, exercício e avaliação. Os alunos se distanciam do professor principalmente quando este não se interessa pelas aulas, acaba passando o conteúdo sem dar a oportunidade de o aluno poder se expressar e tirar suas dúvidas.

Para que professor e aluno tenham uma relação em sala de aula, é preciso que o professor mude suas atitudes em relação ao aluno, principalmente no processo de mediação do conhecimento, para que ocorra o ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSIBILIDADES DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Após inúmeros pontos que foram debatidos e questionados a respeito do livro didático, sua importância na visão dos alunos e professores, chegamos ao ponto-chave e de conclusão desse trabalho: a importância que o livro didático possui diante dos professores e alunos no século XXI.

Mediante tal análise, percebemos que o LD é compreendido ainda por muitos autores como um melhor instrumento didático presente em sala de aula, além de ser um grande mediador de conhecimentos e informações, capaz de atender diferentes culturas em um mesmo momento, por isso a importância de sua construção, avaliação e utilização.

Por ser um produto de fácil reprodução e de grande poder nacional, o livro didático deve continuar a ser avaliado e distribuído gratuitamente para as escolas públicas de todo o Brasil.

O PNLD, assim como os demais programas que buscam essas garantias, vem modificando, desde sua implantação, o cenário da educação brasileira. E podemos destacar que, aos poucos, já estão sendo colocados em circulação livros didáticos que propõem abordagens teóricas e metodológicas inovadoras e com qualidade, que passaram a apresentar aos professores formas alternativas de trabalho.

Este trabalho nos permitiu ver a realidade dessa escola, como podemos perceber durante as entrevistas, que mostraram que o LD tem sido praticamente o único instrumento de apoio aos professores e que se constitui em uma importante fonte de estudo e pesquisa para os alunos. Assim, faz-se necessário que os professores saibam escolher adequadamente o livro didático a ser utilizado em suas aulas, pois ele será o auxiliador na aprendizagem dos estudantes.

Ao analisar a importância atribuída ao LD pelos professores, percebe-se que ele se constitui como um dos materiais didáticos e, como tal, passa a ser um recurso facilitador da aprendizagem. Podemos destacar também que o livro didático auxilia o aluno a ampliar sua compreensão, interpretação e sua orientação ao fazer pesquisas.

Nas manifestações expressadas, destaca-se de acordo com os professores envolvidos nessa pesquisa, a importância que eles atribuem ao livro didático como sendo um referencial, uma fonte de pesquisa, que permite o aprofundamento do conteúdo e principalmente a importância de buscar relacionar esse conteúdo com o cotidiano dos alunos. Já para os alunos envolvidos nessa pesquisa, destaca-se que é importante utilizar o LD, pois ele ajuda a entender melhor o conteúdo, tirando as dúvidas.

Assim, o livro didático pode ser considerado um instrumento importante no processo de ensino, pois é uma maneira mais fácil de acessar o conteúdo e fazer o acompanhamento do mesmo, por apresentar uma diversidade de exercícios. Esse material pode ser conhecido também por ajudar na organização das aulas, por ser um recurso acessível a todos os alunos, ou seja, torna-se um elemento fundamental para a construção de um ambiente de sala de aula que busca representar o ensino como um processo em que possa haver diálogo entre professor e aluno.

Salienta-se que o LD assume um papel essencial em sala de aula, pois é um instrumento indispensável no processo de construção do conhecimento. Mesmo diante de tantos meios de comunicação, acredita-se de que o livro didático ainda é o principal meio de pesquisa impressa, utilizado por muitas escolas de rede pública.

O livro didático, especificamente quando se fala em Geografia, deve ser utilizado de forma cuidadosa para que não se adote uma postura unicamente teórica em sala de aula, sendo adotado como único método em sala, passando por uma geografia tradicional, levando os alunos a ter uma percepção de mundo limitada, que nega a formação de uma opinião própria a respeito dos fatos e acontecimentos que estão ao seu redor.

Sabemos que a escola tem um papel fundamental na formação de alunos capazes de formar suas opiniões, mas quem tem um papel de igual importância nessa mediação é o professor. É o professor que procurará vincular o conteúdo do livro diretamente com a realidade vivida pelo aluno, promovendo debates, seminários, pesquisas relacionadas à realidade do aluno, sempre vinculadas a esses conteúdos que serão abordados.

Mas, apesar das críticas quanto aos limites que o livro didático impõe ao processo de ensino e aprendizagem, acredita-se, como citado anteriormente pelo professor 2, é preferível que um aluno tenha em mãos um livro didático de Geografia do que não ter nada.

Embora o livro didático seja um recurso que passa a exercer um papel de grande importância e com grande influência na sala de aula, onde seu uso já se tornou algo tradicional, em nossa visão, é preciso que o professor utilize o livro como apoio e não como um guia de suas práticas em sala, passando a utilizá-lo com outros recursos didáticos para facilitar a aprendizagem dos alunos, assim como buscando novas metodologias para melhor uso desses materiais.

Embora os alunos e professores salientem a importância atribuída ao livro didático como um auxiliar nas aulas de Geografia, a partir desse contexto, podemos dar destaque às possibilidades do seu uso em sala de aula, como um instrumento principal que passa a orientar os conteúdos que devem ser desenvolvidos, a sequência desses conteúdos, as atividades de aprendizagem e avaliação para o ensino.

Entende-se que, a partir da implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros didáticos têm melhorado muito nos últimos anos, pois o referido programa tem como objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros aos alunos da educação básica.

Mas, de acordo com as análises feitas, as possibilidades didático-pedagógicas do uso do livro didático como um recurso ao ensino de Geografia no Ensino Fundamental, nos mostra, como futuros professores, que devemos encarar a realidade, trazendo os princípios do processo de cognição, as situações-problema inseridas no cotidiano do aluno e a interdisciplinaridade, principalmente a questão de trazer o assunto do livro com a realidade do aluno em sala de aula e tentar compreender de forma mais eficiente. Quer dizer que na relação pedagógica é fundamental considerar os vínculos entre as ideias e destacar com a vida dos sujeitos. Isso pode ser oportunizado pelo tratamento dos conteúdos como problemas de vida.

Em muitos casos, os desafios só aparecem pelo fato de o professor não desafiar a si mesmo, passando a adotar uma postura inadequada para o ensino da Geografia. Os alunos, hoje, continuam diante dos professores esperando mais interesse e determinação para com eles.

Por isso, vale ressaltar que o livro didático pode ser utilizado como instrumento metodológico em uma prática de ensino e, a partir de uma participação

mais clara na prática do ensino da Geografia por parte do professor, é provável que ocorra um melhor aproveitamento na compreensão do espaço geográfico.

E quando se fala em possibilidades do uso do livro didático como recurso no Ensino Fundamental, entende-se que o conjunto de materiais que, ao serem utilizados para fins pedagógicos, levam a uma melhora na mediação do processo de ensino-aprendizagem, podendo ser de todo tipo de material. Por meio dessas técnicas, para o ensino ser de boa qualidade, é importante exercer uma função dominante em relação aos processos mediadores, levando a uma melhor relação professor-aluno.

Para que as técnicas de ensino, tais como os recursos didáticos, exerçam não só seu papel instrumental, é necessário que o professor seja mediador do encontro com o sujeito (aluno) com o objeto (conteúdo). E, no campo do ensino de Geografia, encontra-se recursos didáticos específicos, além do livro didático, como meta que possa servir como procedimento e metas diferenciadas para uma boa aula, tais como jornal, filmes, o globo terrestre, as diferentes linguagens, de acordo com a particularidade de cada recurso, para que auxiliem o aluno na compreensão dos conteúdos a serem abordados em sala.

Enquanto a utilização de recursos didáticos pelo professor mostra que há receio destes na questão da viabilidade, adaptação ao conteúdo à realidade escolar, podemos ressaltar que, para a prática em sala de aula, o professor necessita de maior preparo e reflexão, pois assim como o recurso pode ajudar, ele também pode atrapalhar se o docente não souber utilizá-lo corretamente. Contudo, de pouco adianta o material didático ser de boa qualidade se o professor não estiver em constante aprendizado e se atualizar tanto nos avanços tecnológicos, quanto em espaços geográficos e mudanças globais.

Podemos observar que os resultados obtidos na visão dos alunos em relação à melhor aula de geografia que já tiveram com o livro didático são de que esse instrumento é indispensável para o aprendizado, no qual passam a utilizar o livro didático para tirar suas dúvidas, ou quando querem aprofundar determinado assunto, no entanto, para entendermos melhor separamos sete pontos que se assemelham entre as falas dos alunos, no mapa conceitual a seguir, com o objetivo de analisarmos a importância do uso do livro didático no Ensino Fundamental.

Analisamos também que os alunos destacam muitas temáticas diferentes que merecem ser pensadas pelos professores da escola e, também pelos professores da universidade.

Pois, perguntamos uma coisa, mas o aluno responderam de maneira diferentemente da questão proposta. Isso nos mostra que uma das possibilidades é que o aluno está desviando o foco, para evitar constranger o professor, e a segunda hipótese entende-se que acha o livro importantes, mas passam a considerar outros aspectos como argumentos mais importantes para uma boa aula.

Quanto à pesquisa realizada, também podemos destacar que não é apenas na aula em si que o livro didático é a base, mas, também, no planejamento curricular, pois se tem por objetivo orientar o trabalho do professor na prática pedagógica da sala de aula, tanto no planejamento das aulas como para que haja um desenvolvimento significativo das aulas, ou seja, a sequência dos conteúdos e o modo como são entendidos os conhecimentos e assuntos da aula são fortemente influenciados pelo livro didático. Isso quer dizer que o entendimento do professor acerca dos conceitos também é marcado e construído com base nas ideias postas pelo LD.

Essas constatações envolvendo a massiva presença do LD nas aulas de Geografia, reforçam a importância de continuar as investigações sobre seu uso em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

ANDREIS, Adriana Maria. **Ensino de Geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

BRANDÃO, Inêz de Deus Neiva; MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **Recursos didáticos no ensino de Geografia: tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas**. v. 7. N. 2, 2013. Disponível em: <<http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/175>>. Acesso em: 24 de mar. 2015.

BEZERA, Jackson Leandro da Silva *et al.* **O livro didático e o ensino de Geografia**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2157>>. Acesso em: 26 de Set. 2015.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013 (Coleção Ciências Sociais).

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227 – 247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. 2015.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; CAVALCANTE, Lana de Souza; CALLAI, Helena Copetti (Orgs). **Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2010.

FARIA, Ana Lucia G. de. **Ideologia no livro didático**. 16. ed. v. 37. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção Questões da Nossa Época).

GÜLLICH, Roque Ismael da Costa. **Investigação-formação ação em ciências: um caminho para reconstruir a relação entre livro didático, o professor e o ensino**. Curitiba: Anris, 2013.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino básico: questões e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. **Livro didático de Geografia – PNLD, materialidade e uso na sala de aula**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. 163 p.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Brasília, ano 16, n. 69, Jan/mar. 1996. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Acesso em: 12 de mar, 2015.

MAXWEL. **O livro didático**. Disponível em: <www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8835/8835_6.PDF>. Acesso em: 21 de nov. 2015.

MILANEZ, Fernanada Pesseti. **A atuação do livro didático na consolidação da prática de leitura**. Criciúma, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/901/1/Fernanda%20Pesseti%20Milanez.pdf>. Acesso em: 21 de nov. 2015.

OLIVEIRA, Elaine Santos de. **O livro didático: um estudo da abordagem da história do negro**. São Luis do Quitunde, 2014. Disponível em: <http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-identificado/63-Com-identifica.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2015.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino – aprendizagem**. PUC–RIO BRASIL. Disponível em:

http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiradeOliveira_GT4_integral.pdf. Acesso em: 16 de nov.2015.

PAVÃO, Antônio Carlos. **O livro didático em questão**. Boletim 5, 2006. Disponível em:

<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426100829786.pdf>. Acesso em: 12 de mar. 2015.

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre ensino e o uso do livro didático**. João Pessoa, 2009. 104f.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009 (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff; ALBUQUERQUE, Maria Adalisa Martins de. **Desafios e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil**. Porto Alegre, ago./set, 2009. Disponível em: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20%289%29.pdf>. Acesso em: 24 de mar. 2015.

TOSATTI, Natalia Moreira. **O aspecto funcional dos gêneros textuais em livros didáticos para ensino de português como segunda língua**. Belo Horizonte, 2009. p. 104. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-8SVRLM/1276m.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 de nov. 2015.

VESENTINI, Jose Willian. **Para uma Geografia crítica na escola**. 5. ed. São Paulo: Editora do autor, 2008. Disponível em: <http://www.geocritica.com.br/Arquivos%20PDF/LIVRO01.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2015.

SILVA, Robson Carlos da; CARVALHO, Marlene de Araújo. **O livro didático como instrumento de difusão de ideologias e o papel do professor intelectual transformador**. UFPI, 2004. Disponível em:

<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.2/GT2_24_2004.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2015.

SPOSITO, Elizeu Savério. **O livro didático em questão**. Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426100829786.pdf>>. Acesso em: 16 de ago. 2015.

VERZESE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO, Eliziane França Moreira. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim**. Práxis educacional. Vitória da Conquista. v. 4, n. 4. p. 83-102. Jan/Jun. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/328/361>>. Acesso em: 10 de out. 2015.

ZAMBON, Luciana Bagolin *et al.* **Estudos sobre o processo de escolha do livros didáticos organizados em escolas de Educação Básica**. UFSM – IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2386/97>>. Acesso em: 26 de set. 2015.

PNLD no Brasil. Disponível em <<http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>> Acesso em: 16/11/2015.